

Boa tarde. Obrigado por aqui estarem, obrigado por terem convidado

Na verdade, as bolsas Gulbenkian de Investigação Jornalística poderiam chamar-se Bolsas J. F. Kennedy. Não por serem pagas em dólares, mas porque nasceram inspiradas na célebre frase “não perguntem o que pode o vosso país fazer por vós, perguntem o que podem fazer pelo vosso país”.

Aquilo a que vimos assistindo é à degradação do jornalismo e da informação dada pelos OCS de referência e à sua substituição paulatina por uma informação com i pequeno - de irreal ou irrelevante. Aquilo que me ensinaram ser informação com I grande tinha a ver com a transmissão de factos e conhecimentos que contribuíssem para a livre formulação de ideias democráticas e para a participação consciente na sociedade. Mas quando a saía do assessor de um pequeno partido parlamentar nos anima durante semanas, muito fica dito sobre a informação que está a ser produzida – obviamente com a responsabilidade de direções de informação e de jornalistas (inocentes, impotentes ou resignados), bem como sobre o modo como se comportam os nossos atores políticos.

Estas bolsas nasceram quando sentimos que seria necessário encontrar uma forma de apoiar o bom jornalismo. Um apoio que se queria para o bom jornalismo, só para o bom. E que por isso tinha de ser um apoio discricionário – com todo o peso da palavra. Apoiar sem discricionar é incentivar tanto o bom como o mau.

A internet permitiu encontrar muitas bolsas para o mundo do jornalismo, possibilitou estudá-las e compeliu-nos a tentarmos ser diferentes. O que se procurava era um projeto que tivesse efeitos imediatos. Nada de formação, que o momento é para atuar. Também as áreas da reportagem e dos ensaios não eram o essencial, pois muitas dessas bolsas já apoiam jornalistas portugueses e têm permitido a publicação de importantes trabalhos.

Afinal, o mais caro no jornalismo e mais difícil de concretizar em redações depauperadas pela crise – em 2007, quando estava no Expresso, já dizíamos que não precisávamos da crise económica para a CS entrar em tormenta –, o mais caro do jornalismo é a sempre incerta e demorada investigação jornalística – obviamente aquela que não se resume a republicar investigações que outros fizeram.

Nestes últimos anos tudo se agravou e aquilo que eram os tradicionais e respeitados padrões de Imprensa, aqueles que percebiam que a informação não é um mero negócio, deram lugar a padrões recém chegados à imprensa, esmagados pelos financiamentos, e muito mais interessados no deve e haver. Os títulos trocam de mãos, as direções de camisola e os jornalistas foram empurrados para jogar à defesa. Muitos dos mais experientes foram e estão a ir para casa; os outros vivem sob pressão, mais sob o domínio da urgência do que do necessário distanciamento e da imprescindível reflexão.

Perante este cenário, fixámos os critérios que considerámos essenciais para uma bolsa.

Primeira preocupação: a independência. Só vale a pena apoiar o bom jornalismo e o bom jornalismo só existe se for independente. A Gulbenkian tinha passado e tem presente para assegurar. Dinheiro, também -obviamente. E prestígio para credibilizar as bolsas.

Batemos a boa porta. O primeiro contato foi encorajador. Pedro Norton, administrador da Fundação Gulbenkian e ex-administrador da Impresa, deu luz verde para aprofundarmos o projeto. Mais tarde, na sessão de apresentação da Bolsas de Investigação Jornalística, Isabel Mota, presidente da Fundação, haveria de dizer que, e cito, “para a Fundação Calouste Gulbenkian, pela sua vocação primordial, contribuir para a consolidação dos valores fundamentais das sociedades democráticas, surge quase como um movimento natural, em que o fortalecimento de uma comunicação social livre e independente, bem como de uma democracia participativa e informada, são seguramente domínios prioritários”, fim de citação.

Comprova-se assim que estava consolidado o projeto que nascera depois de muita pedra partida pela Cândida Pinto, pelo José Pedro Castanheira e por mim, com a cumplicidade, apoio e sugestões de Pedro Norton e de Elisabete Caramelo, diretora de comunicação da FG.

Sintonizados nas preocupações, era preciso garantir total independência entre as decisões do júri e a entidade promotora. Na Informação, quem paga não pode escolher – todos o sabíamos.

Esta separação total é um dos critérios fundamentais. O velho princípio do “não há almoços grátis” e a convicção de que na Comunicação Social não há financiamentos sem criação de dependência, e ainda de que eram imprescindíveis a total liberdade de escolha, pelo júri, e de realização, pelos bolseiros, levaram a que, sem quaisquer problemas, fossem erguidas barreiras que, direi, intransponíveis. Para que as escolhas pudessem ser insuspeitas era preciso salvaguardar uma total separação entre quem suporta o encargo, quem escolhe e quem recebe – uma trilogia difícil ou impossível de conseguir quando o Estado ou interesses políticos e económicos entram no jogo. A estes, assentará bem apoios a montante ou a jusante da produção de informação, na formação de jornalistas, no apoio a universidades para concessão de bolsas de estudo ou de investigação, ou de incentivos à leitura e a programas de literacia da informação – tema que a Isabel Nery em boa hora aqui traz. Políticos e empresários bem podem ajudar – libertarem informação, não tentarem amesquinhar o jornalismo quando lhes é inconveniente, enfim ... não estorvarem. Façam crescer, isso, sim, a transparência e o acesso à informação. A informação vive da credibilidade que consegue conquistar e críticas infundadas, interesseiras, generalistas destroem o que era importante preservar. Os jornalistas não são “cobras”, não censuram programas, não manipulam sondagens, não é necessário recorrer a militares para os manter à distancia. Se há quem o faça, não são jornalistas.

Cabe à Gulbenkian, obviamente, escolher o júri. Teve a administração a amabilidade de convidar os três jornalistas que trabalharam no projeto e desafiou, ainda, António Granado e Maria Flor Pedroso, a qual este ano, por efeito da sua nomeação para diretora da e informação da RTP, foi substituída por Cristina Ferreira.

As bolsas foram atribuídas após reuniões - até agora nada tumultuosas - em que não participa qualquer membro da FG. Nós escolhemos, a Fundação toma conhecimento – e paga, coisa boa! Os membros do júri não votam propostas oriundas de camaradas da sua redação. E nas duas edições, as escolhas ocorreram por unanimidade. O que se constatou foi que muitas propostas visavam a realização de reportagens – várias de grande interesse – e não propriamente de investigação jornalística, com o que ela implica de pesquisa, procura, descoberta, revelação de aspetos inéditos e de comprovação. O júri analisa propostas e não concretizações. A Fundação

dá condições para que os trabalhos se façam e portanto o júri não analisa resultados finais. Também aqui se corre um risco, assumido: nunca se sabe que segredo está debaixo da capa.

Mas o objetivo é que o jornalista vá à procura da notícia, em vez de ser a notícia que vai à procura do jornalista, uma realidade hoje tão presente, para usar a feliz formulação que ainda há pouco tempo ouvi a Adelino Gomes - infelizmente no funeral de um amigo comum, o Rogério Rodrigues, um grande jornalista, também de investigação.

Outra das preocupações era atribuir os apoios a quem tem carteira profissional e não a OCS. A existência de carteira profissional é critério essencial de admissão, sendo que a proposta tem de ser individual (embora o trabalho possa ser realizado em equipa).

As bolsas a contemplar são sujeitas a um crivo em que a atualidade, relevância e exequibilidade pesam. O órgão a que se destinam, bem como a plataforma de distribuição, não são critérios e isso está patente nas 22 bolsas atribuídas entre os 125 candidatos que apresentaram projetos nestes dois anos, e que receberam (ou estão a receber) um total de 300 mil euros: uma média de mais de 13 mil euros por bolsa, verba considerável para um jornalismo em vias de extinção.

A investigação jornalística é um género de grandes riscos. Sabe-se como começa, não se sabe onde vai acabar. Pode ser muito incómoda e talvez por isso ande meio adormecida. Exige, muitas vezes, coragem a quem a patrocina, a quem a publica e sobretudo a quem a realiza.

Faz a diferença. E como é importante, hoje, dispor de um jornalismo que faça a diferença e ajude a colmatar o que muitas vezes está ausente mesmo nas democracias saudáveis – o escrutínio independente, isento, rigoroso. É isso que esperamos das bolsas que atribuímos. Assim os jornalistas lhes deem bom uso.

Muito obrigado